

## ***Da virada do “Anastaécio” em Minas Gerais ao combate entre PT e PMDB pelo Congresso***

1) Reportagem do **Globo**, de ontem, “Serra tenta colar na dupla “Anastaécio”, reforçou com este neologismo a maior novidade da pesquisa Ibope/Globo/Estadão divulgada domingo: a reversão da disputa pelo governo de Minas em favor do candidato de Aécio Neves, Antonio Anastasia, cujo índice de intenção de votos, em apenas dez dias da propaganda partidária “gratuita”, cresceu 14%, para 35%, ao mesmo tempo em que o adversário Hélio Costa caiu do patamar dos 40% para 33%. O que evidenciou que Aécio tem um capital de transferência de popularidade comparável ao usado pelo presidente Lula em prol de Dilma Rousseff. E o que, se isso tiver força suficiente, como é provável, para consolidar-se e até ampliar-se nas próximas semanas, resistindo ao contra-ataque da campanha de Hélio Costa, deverá propiciar uma vitória de Anastasia no 1º turno (num pleito em que só há, praticamente, duas candidaturas). Ademais de recolocar Aécio, mesmo com uma grande derrota oposicionista na eleição presidencial, como uma liderança de peso no cenário político de 2011 em diante.

2) Outro dado expressivo dessa pesquisa foi o crescimento da candidatura de Aloizio Mercadante ao governo paulista, de seis pontos em relação ao levantamento anterior de 30 de julho, para 23%. O que o deixou (bem como à soma do seu índice com os de Celso Russomanno e dos concorrentes nanicos) ainda bem distante dos 47% de Geraldo Alckmin, mas gerou entre os petistas a expectativa de empurrarem a decisão para um 2º turno com o apoio de forte presença na campanha do presidente Lula. Que, porém, parece apostar mesmo em utilizá-la com dois outros objetivos: manter a vantagem ganha por Dilma contra Serra no estado de São Paulo, inclusive na capital, e aumentar a representação do PT (de par com a eleição já dada como certa de Marta Suplicy para o Senado). Mas se a onda lulista – qualificada de “tsunami governista” por Merval Pereira, do **Globo** – seguir crescendo, poderá ameaçar a esperada vitória rápida de Alckmin.

3) Quanto ao cenário nacional pós-eleições, antecipado para os analistas pelo adensamento do horizonte de vitória de Dilma Rousseff no 1º turno, são duas as dimensões que passam a ocupar mais espaço na mídia: a relativa à orientação e às decisões econômicas de um novo governo e a que diz respeito à atuação do Congresso a partir da disputa pelo comando das duas Casas. Sobre as opções e a condução da economia cabe reiterar a avaliação que fiz na semana passada: as previsões vão desde a de um ajuste para recuperação do controle dos gastos públicos (ampliados pelo salto que deram a partir de 2009 e sobretudo neste ano eleitoral) até a de um predomínio, no começo da gestão, da heterodoxia desenvolvimentista voltada a um modelo de capitalismo de

estado. A primeira perspectiva é associada à atribuição de papéis importantes ao ex-ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e ao presidente do BC, Henrique Meireles, a segunda, ao exercício de papéis desse nível pelo atual presidente do BNDES, Luciano Coutinho, pelo ministro Guido Mantega e por seu principal auxiliar, Nelson Barbosa.

4) É no plano do cenário político-partidário, em particular das variáveis mais tratadas pela imprensa – o embate entre o PMDB e o PT pelo controle das mesas do Congresso, e o enfraquecimento dos dois grandes partidos da oposição, PSDB e DEM – que os últimos dias trouxeram fatos novos significativos. Ingrediente essencial desse embate, a luta que as duas maiores legendas da base governista travam, uma contra a outra, pela conquista de bancadas majoritárias foi acirrada por declarações feitas pelo presidente Lula, no Recife, em defesa da eleição de grande número de petistas. Com as quais retomou duros ataques aos responsáveis por derrotas sofridas pelo governo no Senado, misturando oposicionistas e peemedebistas. E nas quais incluiu proposta da montagem de uma bancada parlamentar de esquerda, cuja função básica deverá ser a de respaldar a do PT, em contraposição à hegemonia congressual planejada pela direção do PMDB.

5) Quanto à variável do elevadíssimo enfraquecimento da oposição na política nacional e no Congresso (conforme previsões de vários analistas que considerei precipitadas por serem feitas antes dos resultados dos pleitos para os governos estaduais, para a Câmara e para 2/3 do Senado) a novidade veio de Minas. A provável vitória de Anastasia – somada à de Alckmin em São Paulo e à também provável de candidatos tucanos ou antipetistas no Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Pará e pequenos estados do Centro-Oeste e do Norte – reduzirá a amplitude e as consequências da derrota da candidatura presidencial de José Serra. E potencializará o papel político e institucional de Aécio Neves – em sua atuação no Senado, no relacionamento com o governo federal, na esfera partidária. Nesta, passou-se a atribuir a ele, em parceria com o paulista Geraldo Alckmin, a liderança da construção de uma nova legenda que reuniria o PSD, o DEM e o PPS. Mas sua própria perspectiva de reposicionamento dos partidos inclui o PSB e o PP. E ele deverá explorar os estreitos laços que preserva com boa parte da direção do PMDB, a mesma que até um ano atrás tentava fazê-lo candidato da legenda à presidência da República.

**Jarbas de Holanda**

**Leia os Destaques da Imprensa de hoje no site da APEOP – [www.apeop.org.br](http://www.apeop.org.br)**